

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha da Tarde Class.: 418

Data 23/04/92 Pg.: \_\_\_\_\_

# Índio dá aula de história sob a ótica guarani

BRASIL DIFERENTE

<sup>190/</sup>  
Claudio Augusto

No extremo sul da cidade de São Paulo, os alunos da EEPSP Roberto Mange estão tendo oportunidade de aprender história sob uma perspectiva pouco comum. O professor das crianças é o índio guarani Karai Mirim, que dá as suas aulas de história do Brasil a partir do ponto de vista das nações indígenas. "Eu desperto a consciência crítica", afirma o índio.

Karai leciona em classes de primeiro e segundo graus. Nas suas aulas, os colonizadores portugueses são classificados como conquistadores. "As verdades não estão nos livros", afirma Karai. "Os bandeirantes explodiam o corpo dos guaranis para eles dizerem onde tinha ouro. Havia abuso sexual contra as mulheres". Segundo ele, nada

disso está registrado na historiografia oficial.

Mas a formação básica do professor guarani é oficial. Karai se diplomou em história em 1981, na Universidade Gama Filho, no Rio. "Um dia, eu disse para um professor de América (história da América) que os índios não são politeístas e ele quis me expulsar", conta.

Apesar de conhecer todas as tradições dos índios guaranis, Karai Mirim não passou a sua infância em uma aldeia. Ele nasceu na aldeia do Bananal, em Peruibe (135 km a sul de São Paulo), mas, quando ainda era recém-nascido, seus pais mudaram para o Rio.

Karai acha que esse "exílio" não fez com que ele perdesse o vínculo com sua gente. "Sei de

tradições milenares que os mais novos não conhecem", afirma. Ele não costuma falar dessas tradições em sala de aula. A sua perspectiva sobre a história do Brasil já lhe causa problemas suficientes. Quando dava aula em colégios particulares, os pais de alguns alunos pediam que a direção da escola o demitisse. "Eles falavam: um índio ensinar meu filho?"

Na escola estadual onde leciona atualmente, Karai diz não ter problemas. Ele lamenta, no entanto, o baixo nível do ensino, o que impede que seus alunos compreendam e absorvam o que transmite nas aulas.

"O aluno chega à 5ª série semi-analfabeto", diz. "Começam a botar alguma coisa na cabeça na 7ª série". Karai conta que com os alunos de 2º grau o trabalho dá mais resultados.

## Karai mora em aldeia junto com 200 guaranis

Karai Mirim vive na aldeia do Morro da Saudade, em Barragem (zona sul de São Paulo), com outros 200 índios guaranis. Ele faz parte do conselho que dirige a aldeia junto com o cacique. Apesar de ter frequentado uma das maiores universidades do Rio, a Gama Filho, Karai faz questão de manter as tradições da nação guarani.

A essência da vida indígena, segundo conta, é a religião. "Quer acabar com o índio é só tirar a religião", afirma Karai. Ele atribui a onda de suicídios de índios adolescentes no Centro-Oeste do Brasil à perda de referências religiosas.

Para resgatar os valores da cultura guarani, Karai e um grupo de índios estão construindo um centro de cultura no centro da aldeia do Morro da Saudade. "Nós vamos ensinar a história

guarani e vamos fazer a alfabetização bilíngue das crianças", afirma.

Segundo Karai, é mais fácil tentar resgatar os valores da cultura guarani em um trabalho com as crianças do que com índios adultos. Karai conseguiu um financiamento de US\$ 32 mil de uma entidade da Alemanha para iniciar a construção do centro de cultura, que começou em setembro do ano passado. Ele está aguardando uma nova remessa de dinheiro e espera acabar a obra em breve.

Esse trabalho, de acordo com Karai, tem lhe causado muitos problemas. "Pessoas que não querem a nossa liberdade estão contra", afirma. Segundo ele, são os brancos que jogam índio contra índio, assim como faziam no começo da colonização do Brasil. "Disseram nas aldeias

que o financiamento era para comprar comida e que nós não compramos", conta Karai.

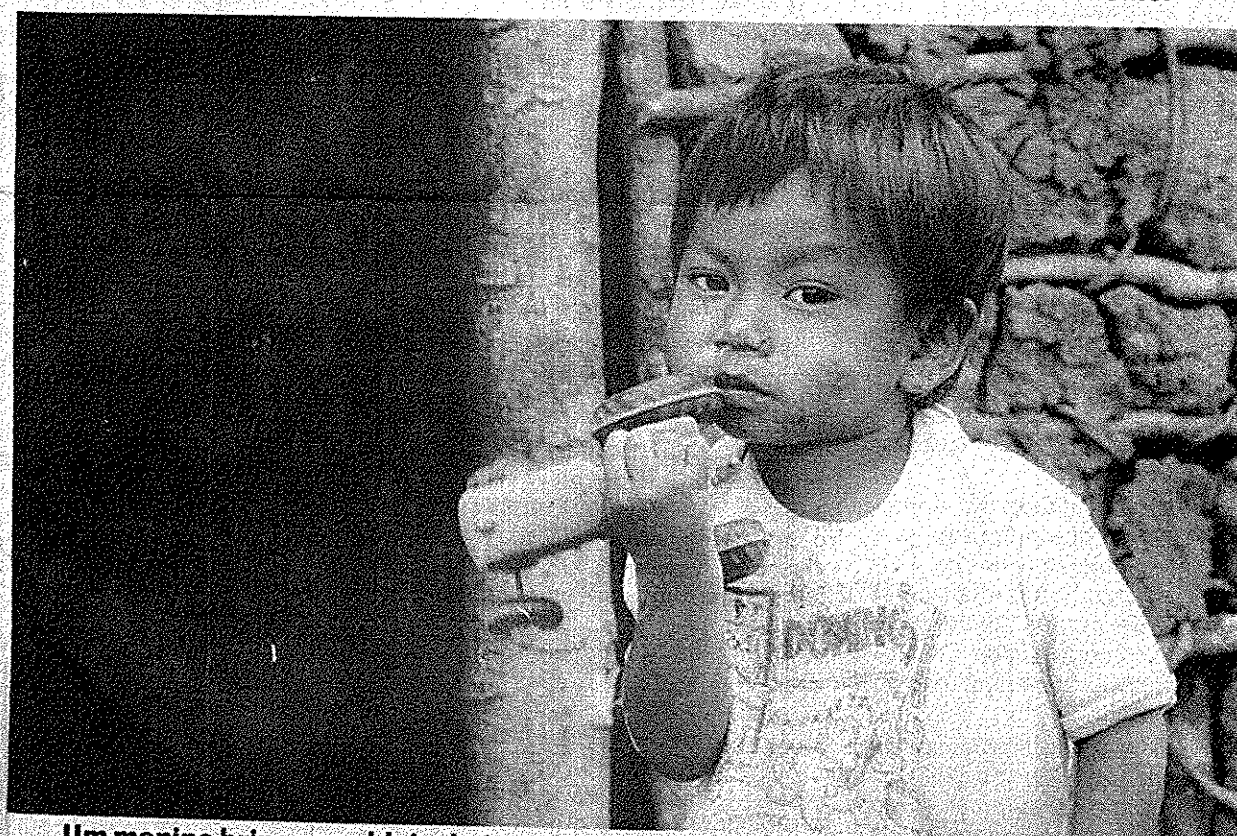
A subsistência da aldeia guarani é uma das preocupações de Karai. Os índios não podem ocupar toda a extensão da reserva, que é de 26 hectares, porque metade da área está em litígio (na Justiça).

Se pudesse fazer isso, Karai acredita que os índios conseguiriam produzir o suficiente para a sua subsistência. "Dá para plantar milho, mandioca, banana e até arroz", afirma.

Sem essa autonomia, Karai acredita que as visitas de religiosos, especialmente os protestantes, vão continuar importunando os guaranis. Segundo ele, há muitos parentes (índios) ingênuos que "vão na conversa" dos religiosos. (Claudio Augusto)



O índio Karai Mirim, na aldeia do Morro da Saudade, onde vive com a sua mulher



Um menino brinca na aldeia do Morro da Saudade, onde moram 200 índios guaranis